

CADÊ O COLORIDO DO SÃO JOÃO? ¹

reflexões sobre a ausência de protagonismo negro no movimento junino do Ceará

Juliana Hermenegildo²

RESUMO

As quadrilhas juninas do estado do Ceará importante elemento para os festejos juninos, movimentando uma cadeia de processos financeiros e sociais. Dentro dessa premissa, este estudo visou uma observação sistêmica do ciclo junino do ano de 2024 no intuito de verificar a ausência de figuras negras representativas dentro do contexto junino, com base nas reflexões de Nestor Garcia-Canclini (2009), Martín-Barbero (1987) e Paducci (2023) sobre a função da cultura popular. A pesquisa demonstra que mesmo o Ceará sendo pioneiro nas discussões raciais ainda se encontra distante de inserir pessoas negras em papel de protagonismo, reforça um racismo sistêmico e estrutural e um imaginário de uma terra sem preconceitos.

PALAVRAS-CHAVE: Culturas Populares; Quadrilhas Juninas; Protagonismo Negro

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O estado do Ceará é conhecido como terra da luz por ser o primeiro estado do Brasil a abolir a escravidão, começando em 1883 na cidade de Redenção/CE, finalizada em 25 de março de 1884 com a cerimônia de libertação de todos os escravos da província do Ceará.

Para contextualizarmos esse período lembramos que a província do Ceará era constantemente assolada pela seca, e considerada pela corte uma região pobre e sem recursos (Freire, 2018). Segundo Gomes (2021, p.195), por um tempo os responsáveis pela província escravizaram os indígenas da região e somente com a implementação de plantios de algodão começaram a exportar escravizados, oriundos principalmente de Angola.

¹ Trabalho apresentado para o GT Alfa, integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

² Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação (PPGCOM), da Universidade Federal do Ceará (UFC), e-mail: jujuhermenegildo@gmail.com

Essa relação entre escassez e pobreza moldou identidades regionais e matizes locais, idealizando assim o “cearense forte”, capaz de superar suas adversidades, preocupado com seus semelhantes, desenvolvendo uma cultura baseada nessa identidade e nos derivados que estes aspectos históricos estruturaram a sociedade cearense.

No último levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE)³ constatou-se que 60% da população do estado do Ceará se reconhece enquanto negros e pardos. Desse modo buscamos pensar que se temos uma população majoritariamente negra porque não encontramos indivíduos negros em papel de destaque nas manifestações culturais?

Os festejos juninos do Ceará representam um importante papel na identidade e memória das comunidades, desde os protagonistas das festividades, como os executores e daqueles que participam e vivem a alegria desse período. É nessa perspectiva de compartilhamento, difusão e preservação cultural que analisamos o papel social e crítico dessa manifestação.

CADÊ O COLORIDO DO SÃO JOÃO?

Para Garcia-Canclini, “cultura abarca o conjunto dos processos sociais de significações ou, de um modo mais complexo, a cultura abarca o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social” (2009, p. 41).

É fato que as fundações históricas e sociais formulam todo nosso contexto social de passado, presente e futuro, significando e ressignificando constantemente nossos modos e valores de vivenciar e dar sentido as ações de vivências e conflitos sociais. Assim ao observamos essa relação entre nossas heranças históricas e como se espelham atualmente em manifestações culturais nos deparamos com ausências sistêmicas carregadas de tradicionalismo.

Para Paducci (2023):

Tal como aponta Eliade, o universo popular e do folclore é uma espécie de fóssil vivo. Tem elementos ancestrais que se recusam a desaparecer e que estão vivos em vários gestos, na música, nos rituais religiosos, nas formas de diversão; são rituais de resistência às imposições

³ Informação disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ce.html>

culturais, mas também de cumplicidade com as formas hegemônicas da cultura. Para Jesús Martín-Barbero, a pré-modernidade arcaica, a modernidade e suas utopias, e a pós-modernidade cínica e desiludida sobrevivem ao mesmo tempo na cultura popular (Paducci, p.51).

Em suas afirmações Paducci (2023) expõe duas afirmações que se contradizem em seu sentido prático. Se por um lado nas manifestações populares o povo tem voz, do outro a recusa por mudanças reafirmam problemas sociais já existentes ao longo do desenvolvimento da sociedade e reproduzem hierarquias e modelos sociais, tais como a estética euro centrada e a submissão de povos negros e sua cultura.

Nesse sentido ao pensarmos sobre a composição e estética das quadrilhas juninas no que compete aos destaques (rainhas e casais de noivos) verificamos uma ausência de figuras negras nesse lugar de protagonismo. Cícera Barbosa (2020)⁴, em *live* realizada durante a pandemia de COVID-19, refletiu que embora tenhamos avançado ao trazermos cada vez mais a história negra e ancestral para dentro dos arraiais, os grupos juninos erram ao reproduzirem um modelo único de que apenas mulheres brancas são bonitas para serem rainhas ou que apenas meninas magras, brancas e jovens podem ser noivas.

Deste modo as falas da historiadora Cícera Barbosa refletem uma abordagem feita por Paducci (2023, p.53) ao repensar o papel do povo e sua cultura, sobre a ótica de Martín-Barbero (1987) sugerindo que “o que surge é o popular não representado”. Se pensarmos desta forma entendemos que a manifestação cultural (representada neste estudo pela manifestação junina da quadrilha) é uma reafirmação do povo, é o espaço particular onde o povo tem a voz.

O fato é que ao buscarmos compreender os acontecimentos que construíram as manifestações juninas no estado do Ceará percebemos em seu desenvolvimento um apagamento das influências da cultura negra e até mesmo o pertencimento a este lugar, conforme explica Gomes (2021). A justificativa dada por historiadores como Gomes (2021), Freire (2018), e documentos que narram a história do período seria o êxodo de parte dessa população para as lavouras do Sudeste do Brasil.

Em virtude desses apagamentos e ausências é possível vermos o reflexo nas manifestações culturais da região. Para Freire (2018, p.7) os conflitos na constituição e

⁴ Pesquisadora e historiadora do movimento junino, formadora de jurados juninos e integrante da Rede de Pesquisadores da Cultura Junina.

valorização de determinados grupos vai além os acontecimentos, são disputas por grupos políticos, são memórias forjadas frente à sociedade em geral.

Ao trazermos essas discussões para o campo das festividades juninas nos deparamos com o fenômeno do apagamento histórico da cultura negra e do indivíduo negro nessa manifestação cultural.

O estado do Ceará detém hoje aproximadamente 300 grupos de quadrilhas juninas⁵ filiados em duas federações (Federação das Quadrilhas Juninas do Ceará – FEQUAJUCE e União Junina de Quadrilhas do Ceará – UNIÃO). Estes grupos trabalham dentro de uma lógica descrita em regulamento destas instituições onde devem apresentar itens como temática, passos tradicionais, coreografias, musicalidade, dentre outros. Itens estes que são avaliados e classificam os grupos com notas para serem campeões de festivais e campeonatos. Nestas composições ainda contam com casal de noivos e a rainha da quadrilha, elementos que também são pontuados individualmente. E é aqui que surge nosso ponto de observação.

Por muitos anos as pesquisas apontaram mudanças significativas sobre a composição, figurino, música, formato da festa, espetacularização e outros fenômenos, nesse tempo os estudos em diferentes campos não questionaram sobre quem faz esse movimento acontecer, e isto também uma crítica para minhas próprias pesquisas. Cícera Barbosa (2020) sugere que sabemos da movimentação da economia criativa elevada por costureiras, sapateiros, músicos, figurinistas, coreógrafos e demais profissionais em grande parte formada por pessoas negras. Mas quem está no centro do espetáculo junino?

MÉTODO E ANÁLISES

Para demonstrarmos o que foi abordado em nossas discussões realizamos uma revisão bibliográfica sobre a história negra no Ceará, levantamento de dados sobre as quadrilhas juninas. E uma observação sistêmica e netnográfica através do perfil do Instagram da Federação das Quadrilhas Juninas do Ceará (FEQUAJUCE) - @fequajuce. Nossa análise coletou imagens do campeonato cearense de quadrilhas juninas do ano de

⁵ Informação cedida pelas instituições

2024, observando primeiramente os fenótipos dos principais destaques (rainhas e noivas) dos grupos que se apresentaram no evento.

Figura 1: Rainhas



Fonte: composição feita pela autora a partir de imagens disponíveis em @fequajuce

Pelas imagens apresentadas constatamos um certo “padrão” na estética, tais como: meninas brancas, em maioria fazendo uso de perucas loiras e lisas, a maquiagem segue também um estilo mesmo as rainhas representando personagens diferentes, as indumentárias seguem modelos cores para tons dourados e verdes, com algumas exceções

tivemos coloridos, vermelhos e azul. Barbosa (2020) aponta que até pouco tempo antes da pandemia existia uma proibição para o uso de vestimenta preta por parte das rainhas, pois era considerada inadequada pelas comissões julgadoras.

Figura 2: noivas



Fonte: composição feita pela autora a partir de imagens do perfil @fequajuce

A ausência de noivas e noivos negros é ainda mais acentuada, levantando questionamentos sobre a impossibilidade do casamento para pessoas negras e reafirmando dados alarmantes sobre a solidão da mulher negra e a falta de amores racializados, Barbosa (2020).

Cabe ressaltarmos que esta é uma pequena amostra, visto que nas imagens analisadas constam apenas trinta grupos, não representando todos os grupos do estado do Ceará, mas é possível sim afirmarmos que são raros os casos de pessoas negras nesse papel de destaque nas quadrilhas juninas. Barbosa (2020) enfatiza que mesmo os negros sendo responsáveis por movimentar grande parte dos grupos juninos seu papel ainda é o de estar “atrás das cortinas”.

CONSIDERAÇÕES

Uma infinidade de processos compõe o imaginário das festividades de São João e das quadrilhas juninas, para além da diversão e entretenimento existe a celebração, devoção, diversão e uma profunda função social. Os festejos são o palco do povo, dando sentido a suas vidas e histórias de formas variadas. A nossa miscigenação cultural produzida por colonizadores, indígenas e negros deixou marcas profundas no fazer cultural.

Ao pensarmos que a cultura popular implica em uma estrutura social de organização e regulamentação comunitária é sábio afirmar que reflete também os fenômenos e problemas de cada tempo, do mesmo modo que questiona essa estrutura.

Em específico este estudo, ainda em fase inicial, podemos apontar que as quadrilhas juninas refletem um determinado nível de racismo estrutural ao perpetuar um padrão estético não condizente com a realidade daqueles e daquelas que produzem o movimento junino ou mesmo que assistem estes espetáculos. Não permitindo uma pluralidade de indivíduos a frente de suas temáticas, da representação da beleza feminina de seus grupos ou mesmo a possibilidade de mulheres negras terem acesso ao casamento. Reafirmamos que são percepções iniciais e cabíveis de discussões mais aprofundadas sobre essa construção de beleza euro centrada, do protagonismo negro e das raízes de servidão, que mesmo na “terra da luz” insiste em apagar o colorido do São João.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Camila de Sousa. O movimento abolicionista cearense: escrita da história, identidade e alteridade em diálogo (1884-1956). **Encontro Internacional de História e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: História e Parcerias**. 2018. Disponível em: https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529531637_ARQUIVO_TrabalhoAnpuh2018.pdf.

GARCIA-CANCLÍNI, Nestor. Diferentes, desiguais e desconectados. Tradução Luis Sergio Marques. 3ª edição, UFRJ. 2009.

GOMES, Arilson dos Santos. Escravidão e Pós-Abolição no Ceará: memórias e trajetórias das populações libertas na cidade de Redenção. **Revista Crítica Histórica**. Ano XII, nº23, p.189-221. 2021.

PARDUCCI, Amparo Marroquín. Pensar o popular a partir de um lugar outro: a proposta de Jesús Martín-Barbero e sua contribuição ao debate sobre a cultura popular. **Revista Matrizes**. v. 17 – nº2, maio/ago. p. 49-64, São Paulo. 2023.

BARBOSA, Cícera Rozizangêla. O São João enegrecido. **Live Sesc/CE São João em casa 2020**. Disponível em: @cicerapreta. Acesso em 13 jul. 2025.